

LITERARIZAÇÃO DA ORALIDADE EM ROBERTO ARLT: TRADUZINDO “HALID MAJID EL ACHICHARRADO”¹

ALINE ALMEIDA DUVOISIN¹; JULIANA STEIL²

¹Universidade Federal de Pelotas – aliduvoisin@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julianasteil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa em tradução comentada do conto “Halid Majid el achicharrado”, do escritor argentino Roberto Arlt, publicado no livro *El criador de gorilas* (ARLT, 1969). O texto – que, pelo que se pode constatar, até agora não havia sido traduzido para a língua portuguesa – foi publicado primeiramente em jornais e revistas argentinos durante a década de 1930, assim como os demais que integram essa publicação.

Apesar da marca estilística que permeia toda a obra de Arlt, os contos desse livro apresentam certas características que os distinguem dos anteriores e que possibilitam observar outras facetas da escrita arltiana. Algumas dessas características se relacionam com a mudança de cenário: enquanto a maioria dos contos anteriores tinha Buenos Aires como pano de fundo; aqui, as histórias se passam em cidades da África e da Ásia. No caso de “Halid Majid el achicharrado”, o cenário é Tânger, capital do Marrocos.

Os comentários de tradução de “Halid Majid el achicharrado” se concentraram na representação da oralidade, já que uma das marcas do estilo de Arlt era a subversão da linguagem padrão, o que fazia suas obras destoarem das características predominantes nos sistemas literários argentino e brasileiro daquela época.

Entende-se, a partir dos estudos de Milton Azevedo (2003), que a oralidade é uma característica da fala que é evocada – não reproduzida fielmente – na literatura. Essa evocação ocorre por meio de aspectos fonéticos, morfossintáticos, semânticos ou lexicais que são incorporados à escrita, refletindo determinadas variações linguísticas (AZEVEDO, 2003, p. 19-20). Essa incorporação pode se dar de forma a preservar as regras normativas características da língua escrita, que pretende ser um código comum que permita aos falantes de uma língua se comunicarem entre si apesar das variações, ou subvertê-las de uma maneira mais acentuada.

Os comentários de tradução de “Halid Majid el achicharrado” tiveram como foco os trechos narrados. Tal decisão se deve, por um lado, a que todos os contos reunidos em *El criador de gorilas* se vinculam à literatura de aventura e aos contos populares – que recriam, no âmbito literário, aspectos das histórias orais que não se restringem aos diálogos. Por outro lado, também se considerou a estrutura narrativa desse conto – que contém dois níveis de narração.

Em função disso, o objetivo da pesquisa que originou a tradução comentada foi compreender a maneira como se dá a representação da oralidade em “Halid Majid el achicharrado”, a fim de embasar as escolhas tradutórias.

¹ Nossos agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul pela bolsa (PROBIC/FAPERGS) concedida para a realização do estudo que deu origem a este trabalho.

2. METODOLOGIA

Uma vez situado *El criador de gorilas* (ARLT, 1969) no projeto criativo do autor, foi selecionado “Halid Majid el achicharrado” para tradução comentada por ter estrutura narrativa diferente da estrutura de “El cazador de orquídeas”, objeto de pesquisa anterior, a fim de contemplar mais aspectos dos contos arltianos que têm os continentes africano e asiático como cenário das histórias.

Enquanto “El cazador de orquídeas” é narrado em primeira pessoa por uma personagem ocidental, outros contos reunidos no livro em questão contam com uma história dentro da história. “Halid Majid el achicharrado” começa com um narrador onisciente que, logo, deixa que uma das personagens, num diálogo com outra, narre sua própria história.

Esse recurso já havia aparecido em suas crônicas, sugerindo que Arlt não estava inventando as histórias transcorridas naquele continente cuja realidade era tão distante da sua. Embora os contos se tratem de histórias ficcionais, a estrutura utilizada aumenta a credibilidade do relato. Segundo Pedro Maino Swinburn (2008), Arlt visava, com isso, “[...] alcanzar una pretendida objetividad que atenúe la fantasía desmesurada que brota por cada rincón del exótico espacio africano”.

Apesar dessa diferença, as estruturas narrativas de todos os contos de *El criador de gorilas* se aproximam em algum aspecto por conta do modelo literário adotado por Arlt, modelo esse que possui um vínculo com o Oriente. Tratam-se de peripécias, o que quer dizer que as histórias são lineares, confirmam as expectativas até certo ponto e, em algum momento, apresentam um ponto de virada que surpreende o leitor (ARLT, 1969). Essa surpresa, no caso desses contos, se relaciona com as crenças muçulmanas: a mão de Alá reconduz as personagens a seu inevitável destino (ARLT, 1969).

No âmbito literário, aspectos da oralidade presentes nas histórias orais é, como se disse anteriormente, característica desse modelo literário. Com base em Azevedo (2003), infere-se que não se trata de uma mera reprodução da oralidade da fala na escrita. Arlt, aliás, parecia saber disso, pois não buscava uma verossimilhança simplificadora no que diz respeito à representação da oralidade. De acordo com Kulikowski (2000, p. 109), o autor tinha “[...] consciência de que as produções discursivas não podem ser uma analogia da realidade e sim que recortam, a seu modo, o universo referencial, impõem uma forma particular à substância do conteúdo para criar uma ilusão de realidade [...]”.

Entretanto, enquanto as obras de Arlt que tinham Buenos Aires como cenário das histórias refletiam, de certa forma, as variações linguísticas presentes nas ruas da capital portenha durante as décadas de 1920 e 1930, nota-se que os contos que se passam na África e na Ásia se aproximam mais da norma padrão da língua espanhola.

A partir dessa constatação, considerou-se pertinente seguir com os estudos de Paulo Henriques Britto (2012) sobre marcas de oralidade na tradução literária para identificar marcas fonéticas, morfossintáticas e lexicais presentes no texto-fonte e, logo, recriá-las no texto-meta. Essas marcas foram identificadas em trechos do conto que contêm ironia e hipérbole – figuras de linguagem características do estilo arltiano.

Escolhido o conto a ser traduzido, observou-se: 1) se havia diferenças entre o trecho narrado em terceira pessoa e o trecho narrado em primeira pessoa pelo

narrador-personagem no que diz respeito à representação da oralidade; 2) como esses narradores tratam as personagens orientais e ocidentais; e 3) se havia diferenças de tom nos diálogos dos ocidentais e dos orientais. Essas observações foram desenvolvidas nos comentários de tradução, a partir das marcas de oralidade intrínsecas às figuras de linguagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início do conto “Halid Majid el achicharrado”, que é narrado por um narrador onisciente, alternam-se dois tons de discurso: um leve, debochado e irônico e outro sério. Aquele é aplicado às personagens ocidentais, enquanto este, às personagens orientais a respeito do apaixonamento entre Enriqueta Dogson e Dais el Bint Abdalla. Essa alternância de tons também aparece nos diálogos, que mostram a diferença de tratamento que Enriqueta recebe de seu pai e que Dais recebe do seu.

Um dos momentos em que se percebe o tom debochado que o narrador utiliza para as personagens ocidentais é quando descreve os passeios de Enriqueta Dogson: “Su salida fue un éxito. Los perros le ladraban alarmados, y todos los granujillas de las fortificaciones del zoco la seguían en manifestación entusiasta. Los cordeleros, sastrecillos y tintoreros abandonaban estupefactos su trabajo para verla pasar (ARLT, 1969, p. 23) / “Sua saída foi um sucesso. Os cachorros latiam para ela alarmados, e todos os malandros da fortaleza do azoque acompanhavam sua manifestação entusiasta. Cordoeiros, alfaiates e tintureiros abandonavam, estupefatos, seu trabalho para vê-la passar”².

Nota-se que este trecho de narração conta com uma sonoridade normalmente indesejável na escrita: o uso repetido de “s” e “c”. Esse tipo de sonoridade baseada em marcas fonéticas de oralidade foi recriado no texto-meta em todos os trechos em que apareceu no texto-fonte.

Também buscou-se manter as marcas lexicais de oralidade vinculadas à ironia e à hipérbole. Um exemplo é a tradução de “empastelada” por “empiriquitada”: “El viejo Dogson, un hombre razonable, se echó a reír a carcajadas al descubrir a su hija empastelada al modo islámico [...]” (ARLT, 1969, p. 23) / “O velho Dogson, um homem razoável, desatou a dar risada quando viu sua filha emperiquitada à moda islâmica [...]”.

O mesmo ocorre com a expressão “encogerse de hombros”: “Luego se encogió de hombros” / “Logo deu de ombros”. Justamente essa expressão serve para estabelecer o contraste entre a atitude do pai de Enriqueta e a do pai de Dais: “El que no se encogió de hombros fue el anciano Faraj el Bint Abdalla. Faraj el Bint Adballa estaba amostazado” (ARLT, 1969, p. 24) / “Quem não deu de ombros foi o ancião Faraj el Bint Abdalla. Faraj el Bin Adballa estava aborrecido”. Aqui se tentou manter no texto-meta a seriedade que estava presente no texto-fonte, mas sem abrir mão do tom coloquial marcado no uso de expressões como, por exemplo, “encogerse de hombros”.

Quando se tratam de diálogos, empregou-se, no texto-meta, o pronome pessoal “tu” para garantir o tom de mandamento, como foi feito em “O caçador de orquídeas” (DUVOISIN; STEIL, 2021). Isso foi feito tanto quando Faraj el Bint Abdalla fala com seu filho Dais quanto quando Halid Majid narra sua história para Dais a fim de que ele entenda os perigos de apaixonar-se por uma mulher ocidental.

² Todas as traduções dos excertos do texto de Arlt são de Aline Almeida Duvoisin.

Nesses trechos, foram empregadas, no texto-meta, algumas marcas morfossintáticas de oralidade.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa permitiu constatar que a forma como Arlt literariza a oralidade varia em seus textos. Foi importante perceber que a linguagem dos contos que integram *El criador de gorilas* se aproxima mais da linguagem padrão do que a presente em outros textos arltianos, o que se tentou reproduzir na tradução. Há trechos narrados em que se nota mais a escrita padrão do que a representação da fala, o que foi considerado principalmente para ponderar o uso de marcas morfossintáticas da oralidade. Associar a literarização da oralidade à estrutura narrativa possibilitou observar melhor a importância de manter as marcas fonéticas de oralidade nos trechos narrados para recriar o ritmo presente nesses textos e que é tão importante para o modelo literário adotado. O estudo da estrutura narrativa também ajudou a compreender a forma como os narradores se referem a ocidentais e orientais, embasando melhor as decisões tradutórias para recriar, no texto-meta, as diferenças de tom dos discursos. As questões aqui apresentadas foram consideradas de forma a não perder a riqueza das figuras de linguagem que caracterizam a obra de Arlt como um todo e que também aparecem em “Halid Majid el achicharrado”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARLT, Roberto. **El criador de gorilas**. Buenos Aires: Compañía General Fabril, 1969.

ARLT, Roberto. **Ódio de outra vida**. Tradução de Fabio Bortolazzo Pinto. Cadernos de tradução, Porto Alegre, n. 42, p. 127-135, 2018.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

AZEVEDO, Milton Mariano. **Vozes em branco e preto**: a representação literária da fala não-padrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

DUVOISIN, Aline Almeida; STEIL, Juliana. Traduzindo Roberto Arlt: o caso de “El cazador de orquídeas”. **Cadernos de literatura em tradução**, São Paulo, n. 23, p. 185-217, 2021.

KULIKOWSKI, María Zulma M. **Roberto Arlt**: a experiência radical da escritura. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Revista USP, São Paulo, n. 47, p. 105-128, set./nov. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/35101/37840/41265>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SWINBURN, Pedro Maino. **El criador de gorilas de Roberto Arlt**: La renuncia a la otredad. Espéculo, Revista de Estudios Literarios, Madrid, n. 39, 2008.